

NOTAS SOBRE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Carlos Monarcha *

Resumo Abordam-se neste artigo, questões relativas à configuração e à institucionalização do ramo de conhecimento “História da Educação (Brasileira)” como disciplina e objeto de pesquisa acadêmicos. Na emancipação desse campo de conhecimento como “saber”, problematizam-se aspectos referentes a: precisão do objeto; adoção de um método com base em uma epistemologia reflexionista e no predomínio da lógica do procedimento descritivo; delimitação do gênero em torno de sua especificidade irredutível; aparecimento de um profissional especializado e sujeito do discurso acadêmico. Discute-se, por fim, a articulação do particular (História da Educação) com o geral (História Política), configurando-se um objeto (Educação) como parte integrante da construção do Estado-Nação brasileiro.

Palavras-chaves: História da educação (brasileira); teoria do conhecimento; História da educação brasileira como disciplina; história da educação e história política.

Abstract This paper discusses questions related to the configuration and institutionalization of History of (Brazilian) Education as a discipline of academic research. In the emancipation of this field of knowledge as a scientific discipline, some problems may be addressed: specification of the object; adoption of a method based on a reflective epistemology and on the dominance of the logic of descriptive behavior; and the appearance of a new kind of specialist trained in academic discourse. The article also discusses the articulation of the particular (History of Education) with the general (Political History), configuring a subject (Education) as an integrating part of the construction of the Brazilian Nation-State.

Descriptors: Education; History of (Brazilian) Education; theory of knowledge; history of Brazilian education as a discipline; history of education and political history.

A transformação do campo de conhecimento da História da Educação (Brasileira) em *disciplina acadêmica* é relativamente recente. Mais recente, ainda, é sua transformação em *objeto de pesquisa acadêmica*. Essas duas formas de *institucionalização acadêmica do campo* - sob o patrocínio da tradição universitária liberal - implicam em:

a) precisão do objeto: a compreensão da educação como atividade social especializada;

b) adoção de um método de investigação objetivo que produza explicações verdadeiras, abrangentes e totalizantes;

c) delimitação do gênero: controvérsias em torno do objeto específico da história

da educação e da história geral; afirmação de uma especificidade não heterogênea e irredutível a outro campo de conhecimento;

d) divulgação da utilidade pedagógica e social desse campo de conhecimento: recuperação e atualização de determinados modos de pensar, sentir, querer e agir que integram uma experiência e tradição que não podem cair em desuso (imprescritíveis).

Precisão do objeto, adoção de um método, delimitação do gênero, divulgação da utilidade pedagógica e social, todos esses são requisitos para a

* Professor do Depto. de Educação/FCT - Unesp- Presidente Prudente.

configuração de um profissional especializado e sujeito do discurso acadêmico *sobre* História da Educação (Brasileira), o qual deve promover a constituição de uma disciplina e um objeto de pesquisa acadêmicos, assim como sua emancipação como saberes.

A transformação desse campo de conhecimento em disciplina e objeto de pesquisa acadêmicos é acompanhada da produção e sedimentação de terminologia, linguagem, usos e regras próprios. Tal procedimento contribui para conferir ao campo *estatuto de ciência*, ao mesmo tempo em que permite sua conversão em *objeto de transmissão e pesquisa*.

O sujeito do discurso acadêmico gerado nesse processo apresenta a compreensão do próprio presente como produtora de um passado que ilustra e exemplifica o sentido da história: o Estado-Nação é visto como figura central da evolução social. E é enquanto disciplina ensinável e saber escolar que lhe cumpre fazer aparecer, às gerações mais jovens, aquela tradição imprescritível, a fim de evitar a adesão a idéias abstratas e especulativas.

Assim, a História da Educação (Brasileira) - como disciplina e objeto de pesquisa - reveste-se do prestígio intelectual de uma atividade científica, e o sujeito do discurso acadêmico, ao construir o passado educacional, oferece uma imagem de si próprio, como herdeiro da tradição e porta-voz da razão. Noutras palavras, trata-se de “dotar de uma história” a si e a seus contemporâneos.

Esse processo, ocorrendo sob o patrocínio da tradição universitária liberal remete a uma discussão de meados do século XIX no âmbito das Ciências do

Espírito: a da constituição da Sociologia enquanto ciência então recente, cronologicamente posterior às demais ciências da época. Como contrapartida lógica e necessária dessa discussão, elaborou-se um *programa naturalista para as ciências humanas*.

Na institucionalização acadêmica do campo de conhecimento da História da Educação (Brasileira) promove-se a retomada e atualização desse programa naturalista, o qual se articula a uma *epistemologia centrada na concepção* de pensamento como espelho ou cópia da realidade. Disso resulta o que se poderia denominar *naturalismo científico*.

De uma tal perspectiva objetivista, elimina-se da interpretação histórica toda referência ao acaso, ao livre arbítrio e à vontade divina e persegue-se uma explicação global aliada à predição científica. Ao se tecer a analogia entre fatos históricos e fatos científicos, eliminam-se as perguntas: o que é conhecimento? como é possível o conhecimento histórico?

Fazer da História da Educação (Brasileira) uma ciência significa dar conta da história por “motivos concretos”, expressão de uma atitude interferente que reduz o passado à ilustração de um caminho inequívoco que conduz ao presente; algo análogo a uma causação efetiva, semelhante à que funciona no mundo da natureza.

Desde o ponto de vista de um programa naturalista para as ciências humanas, a institucionalização da História da Educação (Brasileira) supõe a *ação diretora da Sociologia* definida como a “teoria geral da sociedade”.

Dessa perspectiva, a Sociologia define *vida social* como conjunto de totalidades

em interação (estrutura social), cuja descrição ordenada é feita com o auxílio de uma grade conceitual. À História - empírica e erudita - cabe apresentar os fatos necessários às generalizações sociológicas fundadas em "leis de filiação histórica". Contendo os fatos cuja comparação entre si leva às induções da Sociologia, a História transforma-se no campo de observação da teoria geral da sociedade e deve ser complementada com a história científica propriamente dita: a ciência positiva da história (Sociologia). Disso resulta um campo de conhecimento fatural e objetivista, com explicações obtidas através de uma teorização simples.

Dentre as ciências sociais, a Sociologia aparece - ainda que de maneira não explícita - como a ciência social portadora de uma saber global que reúne as condições de inteligibilidade máxima dos fenômenos sociais. Vale dizer, a História da Educação (Brasileira) é objetivada sob direção da sociologia. Ou seja, é interpretação sociológica que se utiliza dos métodos funcionalista e comparativo.

Sob a presidência do método funcionalista, enfatiza-se a analogia entre vida social e organismo humano, formulando-se, assim, uma teoria da evolução social, segundo a qual uma atividade específica é concebida como necessária à auto-conservação do todo. Isso porque a totalidade expressa um sistema de correlações funcionais - a função de uma instituição, por exemplo, corresponde a uma necessidade do organismo social.

Sob a presidência do método comparativo, enfatiza-se o método experimental e mostra-se a associação freqüente dos fenômenos entre si ou a ocorrência freqüente numa ordem de sucessão regular.

A História da Educação (Brasileira) sob a direção da interpretação sociológica utiliza três critérios para identificar o "desenvolvimento da sociedade": a economia, o grau de complexidade e desenvolvimento intelectual. Este último é o mais recorrente: explica a crescente positivização do saber e com ele a positivização da sociedade.

Nesse entrecruzamento com a Sociologia, a História - enquanto ciência - enfatiza os seguintes aspectos:

· "leis de filiação histórica" (fenômenos sociais circundados por um condicionamento inevitável, que se caracteriza por uma ordem constante e permanente); e

· "estudo da causalidade" (fatos históricos vinculados entre si através de laços de coexistência e sucessão).

Trata-se, portanto, de uma *gnoseologia objetivista e positivista* que recomenda ocupar-se, apenas, com aquilo que é dado imediatamente à percepção.

A predominância da Sociologia no interior da História da Educação (Brasileira) produz uma *atitude relacional* fundada na concepção de *contexto social e histórico*, entendido como conjunto de elementos relacionados entre si e conjugados de algum modo. Dessa perspectiva, *análise objetiva* é aquela feita desde um ponto de vista externo ao objeto, que recebe o seu sentido do exterior.

A fim de conferir às análises positividade científica e maior grau de abrangência, a lógica do procedimento descritivo utiliza-se da idéia de "contexto social e histórico". Através do princípio da autoridade do todo sobre as partes, a idéia de *totalidade* é compreendida como formação de um conjunto que se auto-

justifica: imbricação de idéias e iniciativas particulares com outros fatos do meio circundante e construção posterior de um sentido. Cria-se, assim, uma totalidade fechada, funcional, ilusória mas, verossímil.

Essa lógica sacraliza a idéia de contexto social e histórico (entidade funcional) posto no tempo (mudança/ruptura). E prevalece a noção dogmática de *integração funcional da sociedade*. Disso resulta que toda atividade social integra-se de maneira completa às demais e que nenhum fenômeno isolado é inteligível fora do "contexto funcional" ou do jogo de correspondência que cabe ao historiador decifrar.

O programa naturalista para as ciências humanas coloca em atividade uma *epistemologia reflexionista* capaz de dar conta do realismo dos objetos materiais, os quais, portanto, preexistem ao conhecimento. O objetivo de tornar conhecidos os fatos e feitos de diferentes épocas realiza-se sob o predomínio de uma lógica do procedimento descritivo, secundado por um aparato erudito de notas. Trata-se, portanto, de escrever a história conforme o original.

O organizador desse conhecimento - o sujeito do discurso acadêmico - realiza sua obra como sujeito onisciente e neutro que produz, por sua vez, uma descrição onisciente da realidade: busca de reprodução da realidade preexistente, com o máximo de exatidão e fidelidade, através da absorção da positividade científica.

Apresentando-se tal sujeito como impessoal, indeterminado, fora de cena e com o domínio do acontecido/narrado,

não fica explicitado o fato de que o seu pensar confunde-se com as interpretações produzidas por outros sujeitos em outras épocas. Fontes e documentos são tomados não como narração/interpretação do acontecimento pelos que o viveram ou estudaram, mas como fatos já dados e verdadeiros, testemunhos de época e portadores de um sentido único. Situando o objeto de estudo como fato materializado, o autor-narrador promove a conciliação do texto histórico - obra produzida - com o acontecimento.

Com esses procedimentos, procura-se restituir/ resgatar o passado: conhecê-lo de uma vez por todas. Empreende-se uma narrativa com teorização simples, supondo-se distanciamento da interpretação.

O foco de atenção está centrado nos indicadores que testemunham a evolução e o sentido da História (da Educação Brasileira):

. *reformas de ensino*: constructos utilizados como unidades de comparação de diferentes épocas, que testemunham permanências e rupturas, mudanças e progressos: o verdadeiro sentido do tempo.

. *esboço biográfico dos reformadores do ensino*: atuação condicionada e refletida de diferentes sujeitos que se movimentam sobre um fundo e/ou cenário objetivos.

Reformas e biografias são analisadas como pontos de inflexão e ruptura, tendendo a configurar diversidades sociais do passado. Na maioria das vezes, representam não só o sentido geral que preside a evolução da história como também o espelhamento de tal evolução através do objeto "educação" - definido como atividade social especializada. Para essa lógica, história é mudança.

Desde esse ponto de vista, a história da Educação (Brasileira) é parte integrante e caudatária da História política que persegue a genealogia do Estado-Nação: origem dos tempos modernos e do pacto político instituidor da liberdade humana. O Estado-Nação torna-se, portanto, a imagem objetivada do progresso.

Por necessidade de coerência interna e de substantivar a ilusão de realidade, apenas os objetos que explicitam a constituição do Estado-Nação são elevados à dignidade histórica.

Sintetizando: a História da Educação (Brasileira) aparece como articulação do particular com o geral, produzindo-se a noção de contexto histórico com sentido presumível: modernização da educação e da cultura e constituição do Estado-Nação.

Para a tradição universitária liberal, o passado ganha inteligibilidade desde um ponto de vista situado no presente, ao mesmo tempo em que é reduzido à condição de origem, antecedentes, etapas de evolução, cabendo à História fazer a “biografia” da nação.

Narrar a História equivale a descrever “conforme o original” e de acordo com o

sentido objetivo da realidade social que representa o auto-movimento da História rumo à sua realização. Significa sancionar a supremacia do objeto, com base na materialidade preexistente ao conhecimento, a anulação do sujeito e dos juízos de valor na construção do objeto e na investigação histórica. E implica a presença de um sujeito sob a máscara da objetividade.

A velha obviedade ainda se mantém atual: o sujeito acaba, muitas vezes, sendo co-optado pelo método e objeto que supõe ter escolhido.

Bibliografia

- Auerbach, E. (1976) Na Mansão de la Molle. In: Auerbach, E. *Mimesis (A representação da realidade na literatura ocidental)*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Le Goff, J. (1984) Memória. In: *Enciclopédia Einaudi. (V. 1 Memória - História)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Luckacs, G. (1968) *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Veyne, P. (1987) *Como se Escreve a História*. Lisboa: Edições 70.
- Zeitlin, I. (1973) *Ideologia y teoria sociologica*. Buenos Aires: Amórotou.